



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

SOLANGE ALVES DE ALMEIDA

**A FORÇA DA ESPERANÇA NORDESTINA: UMA
INTERLIGAÇÃO ENTRE O PRINCÍPIO ESPERANÇA E VIDAS SECAS**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

SOLANGE ALVES DE ALMEIDA

**A FORÇA DA ESPERANÇA NORDESTINA: UMA
INTERLIGAÇÃO ENTRE O PRINCÍPIO ESPERANÇA E VIDAS SECAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- Campos I- Campina Grande PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: do Professor Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447f Almeida, Solange Alves de
A força da esperança nordestina [manuscrito] : uma
interligação entre O princípio esperança e Vidas secas / Solange
Alves de Almeida. - 2014.
45 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães,
Departamento de Filosofia".

1. Análise Crítica 2. Esperança 3. Romance Brasileiro I.
Título.

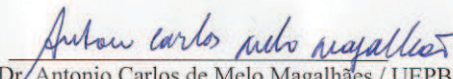
21. ed. CDD 801.95


SOLANGE ALVES DE ALMEIDA

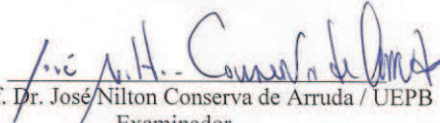
A força da esperança nordestina: uma interligação entre *O Príncipe Esperança e Vidas Secas*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 03/12/2014.


Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a minha Irmã
Alexandrina, exemplo de força, coragem,
e inteligência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e pelo ânimo ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos, a ele a minha gratidão eterna. A minha família e a todos aqueles que eu amo, pela infinita paciência, apoio e compreensão ao longo desse trabalho; A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, contagiada pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

Agradeço ao meu orientador o Prof. Dr Antonio Carlos de Melo Magalhães por todas as orientações que valem para além da esfera acadêmica, seu exemplo de vida, integrado ao seu legado me contagiou, mesclando fé, utopia, perspectivas e esperança, por um mundo melhor; agradeço também aos professores membros da banca examinadora o Professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho por toda a competência, ética e compreensão, pois, durante este processo de formação, trouxe cautelosamente meus primeiros passos rumo à minha futura atuação; ao professor Dr. José Nilton Conserva de Arruda por ter sido um dos condutores para que eu pudesse aprender e vivenciar uma licenciatura, a vocês meus sinceros agradecimentos pela disponibilidade para comigo; ainda a Professora Dr^a Maria Simone Nogueira Marinho pelo carinho, incentivo e apoio em inúmeras horas.

Por fim agradeço aos professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar nomes terão os meus eternos agradecimentos.

“Nós não estamos interessados em brilhar por fora. Queremos brilhar por dentro. Isso no final nos fará vencedores. Nossa força [...] está [...] na fé, no orgulho e na determinação.”

(ITURBE, A. G., 2014, p.87)

“[...] podem nos privar de nossa casa, dos objetos, da roupa [...] mas, por mais que [...] nos arrebatem, não podem nos tirar a esperança”.

(ITURBE, A. G., 2014, p. 253)

RESUMO

A esperança é um sentimento de extrema importância para a vida humana, tanto que é considerada sempre a última a morrer, isso se deve a seu significado, que é sonhar, persistir e seguir em frente mesmo diante de adversidades. Ou seja, diante de dificuldades é a esperança que continua a mover o homem. Por tal importância a esperança tornou-se objeto de uma obra inteira que tenta explicá-la, *O Princípio Esperança*, de Ernst Bloch. Fugindo do denominador comum a respeito do tema, Bloch cria uma teorização completa dividida em fases, o sonho diurno, a utopia e a esperança stricto sensu, o que representaria o desenvolvimento de um todo que é a esperança lato sensu ou aquilo que o autor chama de Princípio Esperança. Já Graciliano Ramos representa a marca de um povo. A obra de Graciliano Ramos, embora retrate o sofrimento vivido no nordeste durante os ciclos de estiagem, e tenha sido exaustivamente estudada sob o ponto de vista crítico, também possui uma faceta despercebida, ou pouco observada, que é a esperança constante do povo nordestino apesar da adversidade da seca e outros problemas circunscritos a ela. Assim, neste trabalho, desenvolvido dentro de uma pesquisa bibliográfica, objetiva-se traçar, ainda que sucintamente, a interligação entre as obras *O Princípio Esperança* do filósofo Ernst Bloch e *Vidas Secas* do escritor romancista e jornalista Graciliano Ramos.

Palavras-chave: O Princípio Esperança, Vidas Secas, Bloch, Graciliano, objetivo, persistência, luta, nordeste.

ABSTRACT

Hope is and always was an extremely important feeling to human life; it is always taken as the last thing to die. Such feeling is due to its meanings like dreaming, persist and also moving on even though facing some adversities. For that, we may say that hope is what keeps the human being moving on. For its importance, it is turned into an object seeking for explanation in which, Ernst Bloch establishes the name “The Hope Principle”. Going further from the theme, Bloch creates a three phases theory: the daydream, the utopia and sensu stricto hope, this last one would be the complete development of a whole which is named sensu lato hope or Hope Principle as Bloch calls. Here in Brazil Graciliano Ramos is a name that represents the mark of a people. Graciliano Ramos’s work has been largely studied by the critics; first because it portrays the suffering experienced by the northeastern people during the droughts cycles and also because it shows the constant hopeful feeling they have even though facing such a situation and the following problems circumscribed to the droughts. Therefore, this work that was developed in a bibliographical research, aims to briefly achieve the interlinks between two works: ‘The Hope Principle’ from the philosopher Ernst Bloch and ‘Vidas Secas’ from the novelist and journalist Graciliano Ramos.

Keywords: The Hope Principle, Barren Lives, Bloch, Graciliano, objective, persistence, conflict, northeast

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O PRINCÍPIO ESPERANÇA	12
1.1. SONHOS DIURNOS	12
1.2. UTOPIA	14
1.3. ESPERANÇA STRICTO SENSO	15
1.4. APLICAÇÕES	16
2. VIDAS SECAS	16
2.1. A CAMINHADA	18
2.2. PERMANÊNCIA	19
2.3. RETIRADA	25
2.4. DISCUTINDO OUTROS ASPECTOS DE VIDAS SECAS.....	28
3. INTERLIGANDO AS OBRAS	32
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O Princípio Esperança de Ernest Bloch foi escrito entre 1938 a 1947 e corrigido entre 1953 e 1959, trata da espera que não se resigna e do aprendizado da espera. Segundo Bloch, a ação de aguardar é importante porque contém a expectativa da esperança que move as pessoas para o que pode ser aliado a elas e, as leva a agir contra a angústia e contra o medo. *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, romance publicado em 1938, retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de período a período para áreas menos castigadas pela seca. A obra pertence à segunda fase modernista, conhecida como regionalista, e é qualificada como uma das mais bem-sucedidas criações da época.

Esperança, palavra que significa expectativa, fé, sonho e, principalmente, possibilidade. Esses adjetivos parecem suficientes para exprimir o estado de espírito que flui dentro do coração do retirante, este que após períodos de seca continua a ter esperança para reanima-lo e impulsiona-lo a continuar sua jornada.

Bloch faz algumas considerações a respeito do sentido amplo da existência do ser como na análise fundamental do tempo humano, o que está bastante presente no livro de Graciliano, visto que o retirante que se encontra em meio à estiagem tem como primeira necessidade a sua sobrevivência, portanto o seu tempo de existência torna-se uma reflexão constante. Bloch fala ainda do estado de ansiedade e de frustração daquele que se sente desapontado em seus desejos e expectativas. A prática da esperança é a tomada de consciência do que ainda não existe concretamente, mas está presente nas emoções.

O que caracteriza o amplo espaço da vida, ainda aberta e incerta, do ser humano é a possibilidade de assim velejar em sonhos, que são possíveis sonhos diurnos, pois é da natureza humana confabular desejos, e o modo como o ser humano agarra-se as suas confabulações e desejos projetando um futuro melhor são também o que lhe faz permanecer em seu caminho impulsionando-se por esses sonhos e movendo-se em direção a eles.

O modo como o desejo objetivado se constrói é explicado na teoria dos sonhos, onde na constatação de uma necessidade ou mesmo reagindo a um medo ou a uma decepção surge um desejo, um sonho que se volta para a melhora, um objetivo a que se planejará como alcançar. Observando uma carência específica o ser humano sonha para que esta seja superada, projetando um plano de solução para o futuro.

Viver significa colher o dia e ter com o dia uma relação real e concreta. Apesar da ênfase na esperança e no desejo, para Bloch, o futuro vem sempre com a força do novo e do inesperado,

o autor estuda uma reação humana constante. Da mesma maneira, é objetivo dos escritores trazer em seus textos o retrato da vivência, às vezes misturada com fantasias, mas sempre com o elemento humano e suas características inclusas, o que se nota claramente tanto na obra de Bloch retratando a esperança do ser humano, esquematizando-a, quanto na obra de Graciliano retratando uma situação fática da época e que ainda permanece atual, embora sobre um viés ficcional.

Bloch dentre todos os que já se debruçaram sobre o tema da esperança é o que mais chega a um resultado teórico que realmente espelha o funcionamento real da esperança na vida humana. Já Graciliano representa os escritores que tem em suas obras o elemento humano como massa essencial da construção de um enredo. *Vidas Secas* traduz a esperança fática de um povo, e especificamente de uma região, cujas pessoas, mesmo constantemente atingidas por adversidades, continuam a perseguir o esperançoso sonho de viver em suas terras sem que a escassez venha as obrigar a migrar.

O que se espera desse trabalho é primeiro analisar sua composição, ou seja, destrinchar as obras que compõe o estudo falando delas, o que é feito no primeiro e segundo capítulos. No primeiro capítulo se explica de forma simples “O Princípio Esperança”, detalhando os pontos que formam a teoria de Bloch, e mostrando o funcionamento dialético dessas pontuações para que seja vislumbrado enfim o chamado o Princípio Esperança que é cerne da obra. No segundo capítulo se explica também de forma objetiva o enredo de “*Vidas Secas*”, falando dos três momentos em que o livro é dividido, e as contribuições importantes das situações vividas por cada personagem para compor a mensagem que o autor tenta passar.

O cerne deste trabalho está em relacionar as duas obras estudadas, mostrando a presença da construção do Princípio dentro da vivência retratada pelos personagens no livro *Vidas Secas*, o que se faz no terceiro capítulo deste trabalho. É fato que a explicação da esperança trazida por Bloch possui inúmeras aplicações, em diversos assuntos. Da mesma maneira há vários pontos dentro de *Vidas Secas* que são passíveis de análise. Expressão de ambas as afirmações são os diversos trabalhos que ligam tanto uma obra, quanto a outra, com diversos assuntos. No entanto, ainda não houve aquele que relacionasse a esperança explicativa de Bloch, com o retrato fático da esperança nordestina de *Vidas Secas*, mesmo sendo este romance uma das melhores literalidades para a explicação contida em *O Princípio Esperança*.

1. O PRINCÍPIO ESPERANÇA

A obra intitulada “O Princípio Esperança”, dividida em três volumes, é o principal trabalho do autor Ernst Bloch. Nos referidos livros Bloch trata da esperança como um princípio fundamental, ou seja, uma regra a ser aplicada a vida, e deste modo a analisa, já que a vê como o modo de se opor ao medo e a frustração. Durante tal análise o autor determina um modo de construção desta esperança, passando a falar desse conceito em lato senso, ou seja, a esperança a qual engloba o processo, e stricto senso, ou seja, a esperança que é um passo deste processo.

Bloch vê o Princípio Esperança como o modo de transpor obstáculos, como podemos ver no trecho:

O homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente à frente, topando com limites que já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa. ¹

O processo de construção da esperança é dividido em três pontos que se relacionam de forma dialética, ou seja, se encontram em um ciclo onde um da origem a outro e precisa do outro ao mesmo tempo, apesar de poderem ser vistos de modo independente, em outras palavras, mesmo que se possa analisar de forma separada cada um desses pontos eles fazem parte de um processo. Os três pontos referidos são, em uma ordem lógica de formação do ciclo, os seguintes: sonhos diurnos, utopia e esperança.

SONHOS DIURNOS

Assim sendo, iniciaremos falando dos sonhos diurnos. Na visão de Bloch nossas elaborações em consciência durante o dia não são somente devaneios, mas planos advindos das nossas carências, do que não temos ou do que nunca fizemos. Para Bloch há diferença entre os sonhos diurnos e noturnos, pois os primeiros são sempre voltados para o futuro e novos, enquanto os segundos são realizações secretas dos desejos esquecidos e oprimidos, por isso o autor estabelece como mais importantes os sonhos diurnos, e ainda, afirma que em sua visão não há um reflexo do que sonhamos a noite sob nosso comportamento durante o dia ou mesmo sob nossos sonhos diurnos e, frisa o autor, que se há alguma influência esta se dá pelos diurnos sobre os noturnos e não de forma contrária. Esse detalhamento de Bloch a respeito dos sonhos diurnos e dos sonhos noturnos e sua clara posição a respeito da maior

¹ BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Vol. I. Trad. Nélcio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. p. 243.

importância dos sonhos diurnos e do que poderia haver de influência está diretamente ligada à teoria de Freud, famoso autor que tem posicionamento contrários, vendo influência dos sonhos noturnos sobre nossa vida cotidiana. No entanto, para não dar margens a divergências e questionamento Bloch esclarece que sua posição é contrária a do famoso psicanalista e, portanto que a seu ver a maior importância dos sonhos diurnos é inquestionável e que nele não há nada do passado, do que foi frustrado e encoberto pelo inconsciente, ao contrário, isso porque os sonhos diurnos são o tomar de consciência de uma possibilidade que se apresenta no presente, mas se direciona para uma solução no futuro, assim ele não se relaciona ao passado, pode-se dizer até que ele o combate. A posição do autor fica explicitada no trecho a seguir exposto:

(...) aquilo que ainda é relativamente inconsciente, visto pelo seu outro lado, o lado voltado para a frente, não para trás. Para o lado de um novo cuja aurora se anuncia, do qual nunca antes se tivera consciência, e não, por exemplo, de algo esquecido, que pode ser lembrado como tendo sido, reprimido ou arcaicamente submerso no subconsciente.²

Os sonhos diurnos são de fundamental importância para o entendimento da obra de Bloch, pois, como veremos adiante todos os outros elementos da teoria do Princípio se ligam a ele. Há também como iniciar de outro dos pontos já que trata-se de uma inter-relação dialética, porém, tanto na visão de Bloch como na nossa esse modo de expor a teoria torna-se mais lógica e de fácil compreensão para todos que se depararem com ela. Afinal, toda a teoria teria, teoricamente, início nos sonhos diurnos porque seu estopim é a constatação da necessidade. Os sonhos diurnos aparecem como já dito, a partir da constatação de uma carência e se concretizam quando surge uma ideia de ferramenta para supri-la. Durante o dia-dia nos deparamos com diversos obstáculos os quais vemos a necessidade de superar, essa superação que buscamos e a dificuldade de alternativas para obtê-la é uma carência. Quando temos uma ideia sobre o modo de suprir tal carência começamos a construir o sonho diurno, inicialmente esta ideia é inconsciente, a partir do momento que ela passa a consciência já damos o primeiro passo de construção, ou seja, observamos o presente autêntico e constatamos a necessidade presente nele. O próximo passo é o planejamento da elaboração, a utopia. Os sonhos diurnos, assim como as utopias que serão ligadas a eles não precisam necessariamente ser complexas, na verdade como veremos quando abordarmos a interligação das obras tanto o sonho diurno quanto a utopia, o planejamento dele, podem ser coisas extremamente simples e básicas.

² BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Vol. I. Trad. Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.. p. 21-22.

1.2. UTOPIA

As construções dos sonhos diurnos são feitas de maneira utópica, porém, há de se deixar claro que a utopia de Bloch difere do conceito habitualmente atribuído a essa palavra nas ciências humanas, à utopia a que o autor se refere trata de um ideal, um plano, mas não um plano imaginário, fora da esfera do possível, e sim um plano galgado na observação da realidade. Portanto, o termo utopia usado na teorização de Bloch é sempre um plano, ou ideal, refletido, fundado, que leva em conta as condições reais do presente, mas que, no entanto, está sempre apontando para o futuro. Há de se ressaltar que este futuro não é um futuro infinito, mas sim um futuro que é próximo, iminente, e para que seja possível a visualização de tal futuro há uma sustentação no sonho diurno, porque o futuro a que se refere esse plano esta galgado no sonho diurno é um futuro que se projeta a partir da expectativa da realização, da crença no sucesso, desse plano que este sendo elaborado para se chegar ao objetivo traçado. É dentro desse conceito de utopia que se supera o curso natural das coisas, ou seja, é aqui que se faz o planejamento do que se objetiva realizar para superar o obstáculo então encontrado, um plano que usa de ponto inicial a realidade observável, pensa em suas variáveis e projeto para o futuro um modo com chances de realização. Podemos ver a síntese do que seria a utopia de Bloch no trecho que se segue:

A vontade utópica autêntica não é de forma alguma um almejar infinito, ao contrário: ela quer o meramente imediato e, dessa forma, o conteúdo não possuído do encontrar-se e de estar-aí [*Dasein*] finalmente mediado, aclarado e preenchido, preenchido de modo adequado à felicidade.³

Ou seja, a utopia refere-se à construção do sonho e a ele se liga, ela é o planejamento do sonho para sua futura realização, o modo de alcançar a superação do obstáculo encontrado com a ideia que tivemos a ideia que se insere no sonho. Desta maneira, refletimos e observamos ao nosso redor, vislumbrando um plano futuro e assim planejamos o modo de se obter a realização da nossa ideia para a superação de um obstáculo, ou seja, a criação da ferramenta necessária, a obtenção desta, ou mesmo um modo de afastar o obstáculo ou até de mudar as condições da realidade para não mais ter que enfrentar o problema, mudar a realidade, ou a parte de realidade em que nós encontramos o que é uma das coisas que os personagens de Graciliano tentam fazer como veremos quando tratarmos da interligação das obras.

³ BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Vol. I. Trad. Nélcio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.p. 26.

1.3. ESPERANÇA STRICTO SENSO

A esperança engloba e faz a última conexão entre os conceitos anteriormente apresentados. Esse sentimento expectante, que é a esperança, é o que impulsiona e o que mantém o ser humano e a construção de sonhos diurnos utópicos, ela é como o combustível das engrenagens do Princípio. Quando, partindo da carência que encontramos no presente autêntico e vislumbrando-o, desejamos a melhora dele por uma coisa totalmente diferente, ou a melhora do que já possuímos, dos dois modos trazendo inovação, é nesse ponto que o que ainda não está consciente torna-se consciente para nós, ou seja, no momento em que vemos e nos cientificamos da urgência e então com utopia projetamos nosso plano para o futuro, é nessa fase crucial em que tudo já está elaborado em nossas mentes que a esperança vem cumprir o seu papel, pois é ela a representante da nossa fé na realização desse todo elaborado.

Esse último ponto do modo operante desse Princípio simboliza a luta contra o velho presente e o desejo pelo novo e almejado futuro, pois é essa esperança que mantém firme o que foi feito, e é ela que trará força e impulso para que se persiga o ideal traçado sem perder o foco, também é ela que irá se opor ao medo e as possíveis frustrações que é possível encontrar no caminho.

Esta esperança em stricto senso de que fala o autor é consciente-ciente, ou seja, ela é fundada, temos uma expectativa de uma possibilidade real, já que como diz Bloch à visão para o futuro é sempre uma intuição correta dentro dessa construção, tendo em vista que quanto melhor se perceber as coisas no presente melhor se dará a função utópica da esperança para o futuro que se faz concreta e põem fim a esse núcleo de processo com a realização do almejado. Bloch baseia tal afirmação na lógica de que quando temos maior consciência-ciência dos elementos presentes melhor baseamos as construções e assim a chance de realizá-las é maior.

O elemento consciência-ciência é também de extrema importância para a consciência antecipatória, que é o modo que passamos a agir para alcançar o planejado, ou seja, um modo não pautado no passado, mas dirigido para o presente com o vislumbre do futuro, há de se ressaltar que esse agir é simbólico, ou subliminar, ou seja, não temos a consciência dele, no entanto, em razão da consciência-ciência presente em toda essa construção faz-se com que esse agir aconteça, pois todo o elaborado está incutido em nossas mentes e nos direciona, principalmente a esperança.

1.4. APLICAÇÕES

As aplicações que podemos vislumbrar para a obra de Bloch são inúmeras, e isso se nota em sua própria obra em que o autor consegue ver o Princípio Esperança retratado até na correria infantil que toca campainhas, se entretêm com brincadeiras e estão sempre a busca de novidades. O jovem também ganha espaço na obra de Bloch, como uma representação daquele que está sempre olhando para o futuro, contemplando as nuvens, apontando seu olhar para o horizonte.

O fato é que a obra de Ernst é sem dúvida de uma aplicação extremadamente ampla, isto porque a esperança é uma coisa que não pertence a uma situação específica ou a uma parcela somente da sociedade, a esperança é um sentimento, e como tal está na natureza humana e atinge a todos nós. A esperança pode ser vista desde a mínima situação cotidiana até a mais complexa das necessidades.

O que Bloch revelou em seu livro foi tão somente um modo de teorizar aquilo que todos nós conhecemos da vivência que é a força que tem a esperança na vida humana, a necessidade que todos temos de sonhar e buscar uma coisa melhor para nosso mundo, nosso dia-a-dia, nossa família.

O que o autor retrata é não só o otimismo do qual é acusado em ter até em exagero, mas a força motriz de todas as inovações que vivemos hoje e já vivenciamos um dia no passado, pois sem dúvida há como afirmar que o Princípio Esperança esteve presente em cada criação humana que hoje faz parte da nossa vida. Pode-se aplicar Bloch desde as coisas complexas, invenções sonhadas pelo homem, assim como no retrato do exercício de vida humana de sonhar, planejar e ter esperança de realizar, ou seja, de viver em busca da melhora, a necessidade e sonho de sobreviver de encontrar um lugar melhor, ter uma vida melhor, de ter água, coisas simples.

2. VIDAS SECAS

A obra intitulada “Vidas Secas” trata da saga de uma família nordestina pelo sertão atingido pela seca. O livro é uma das mais consagradas obras literárias brasileiras e a mais famosa de seu autor, o escritor e jornalista Graciliano Ramos. O título escolhido para nomear estes escritos remete a secura da terra na estiagem que se reflete nas vidas dos personagens, tanto que durante a estiagem todos se tornam mais quietos e endurecidos, já durante os meses com água são representados com um traço suavizado.

Durante a obra é possível vislumbrar três momentos distintos da família de sertanejos retratados, a primeira diz respeito a caminhada onde a família se encontra em meio a estiagem, magros, famintos, cansados, tendo em mente somente a esperança de sobreviver eles caminham em busca de um lugar onde a seca ainda não tenha chegado, onde possam se abrigar e se fixar, caminham sobre a terra seca e queimada e por onde passam só encontram morte mas mesmo assim continuam a caminhar na esperança de encontrar vida, ou de esse tempo passado na secura levar embora a estiagem.

O segundo momento está relacionado a permanência, quando a família encontra um lugar para se instalar e por alguns meses a seca vai embora e eles podem retomar uma vida perto do que seria o normal, permitindo-se desejar outras coisas além da simples sobrevivência, água e comida. O terceiro momento diz respeito à retirada, quando o ciclo da seca é retomado e a família se vê novamente obrigada a caminhar pela terra árida e queimada em busca de um lugar onde a vida seja melhor, onde a morte não esteja presente, onde haja água.

Nos três momentos pode-se ver uma diferença significativa na descrição e modos dos personagens, no primeiro momento estão todos muito magros, murchos, cansados, falam pouco até para poupar suas forças para caminhar, na segunda parte da permanência se vê uma caracterização suavizada em relação a primeira, personagens caracterizados como estando mais saudáveis, gordos, com aparência mais jovem do que quando na seca, com sonhos menos urgentes apesar de também extremadamente simples, no terceiro momento vemos novamente a prioridade da família como a sobrevivência mas há uma elaboração maior nos sonhos e no planejamento, os objetivos tem uma ordenação lógica não se resumem simplesmente a sobrevivência sem um rumo certo, mas a sobrevivência ligada a outras coisas como veremos a seguir na explicação detalhada de cada um desses momentos.

2.1 A CAMINHADA

O livro se inicia com a família de Fabiano, formada por Sinhá Vitória, sua esposa, o menino mais velho e o menino mais novo, seus filhos, Baleia, a cadela da família e o papagaio, caminhando pelas terras secas do sertão em busca de um lugar ainda não alcançado pela seca. Neste período que compreende a caminhada da família o cenário retratado é de morte e secura, com ossadas pelo caminho, pouca fala, urubus rondando a família a espera que eles também padeçam e, a morte do papagaio feito de alimento para amansar a fome. Mesmo a cachorra Baleia, que nesse ponto é responsabilizada por caçar comida pra família toda, é vislumbrada pelas letras do autor tendo os ossos aparecendo proeminentes sob a pele, é Baleia que quando a fome esta novamente muito forte consegue caçar uma lebre para sustentar a família por mais alguns quilômetros.

Todos estão muito magros e cansados, o menino mais novo chega a cair pelo caminho, esmorecendo, este é um momento em que Fabiano se mostra por alguns segundos extremadamente duro já que ele pensa em abandonar o filho a morte, no entanto muda de ideia e sente pena do menino e passa a carregá-lo esmorecido em seus braços. Ao ver a sombra de uma folhagem distante uma esperança de um lugar para ficar a sombra do sol se acende dentro dos personagens como vemos no trecho:

As manchas dos juazeiros tomaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam. Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar.⁴

Prestes a acabarem-se as forças de todos, quando já tinham vontade de deitar e não levantar mais a família finalmente encontra uma sombra pra se abrigar, lá se recostam e Fabiano vê uma depressão no terreno onde encontra uma água lamacenta da qual bebe até se fartar, por um momento esquece tudo e somente se preocupa em matar a sede, então se lembra da família e leva água para eles, nessa mesma cena dá-se o momento em que Fabiano encontra uma casa abandonada, deixada da mesma maneira que a própria família deixou sua antiga ocupação tentando fugir da estiagem, de imediato Fabiano tenta perceber se há ocupantes, força a porta intencionando abrigar ali sua família mas não consegue, quando olha pros filhos estão todos esgotados dormindo a sombra, a primeira que viam em muito tempo, então pega lenha para fazer a fogueira, quando junto com sua esposa olha pro céu e vê a formação de uma nuvem e pede em seus pensamentos para que ela não desapareça:

⁴ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record Mor, 2013. p. 7

Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.⁵

Fabiano então olha pro céu à noite e vê a mudança de cores indicando que a passagem da seca está se findando e com essa constatação a esperança lhe enche o peito e fazem planos:

Uma, duas, três, havia mais que cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro de cabras. Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde.⁶

Finalmente, pela manhã quando a família esta um pouco mais descansada Fabiano consegue abrir a casa e leva sua família para lá se abrigar, e por um momento tem a esperança de recomeçar, de lá tornar-se vaqueiro de seus próprios animais e dar melhor vida a sua família, ser dono daquele pedaço de mundo.

2.2. PERMANÊNCIA

No começo da permanência da família na casa encontrada Fabiano faz tudo com muita esperança e empenho tendo em mente que aquela será a sua terra, sua casa, e sua criação o sertanejo faz consertos na casa, no espaço dos animais e seus cercados deixando tudo arrumado, se sente muito feliz com a ideia de ali poder se fixar e ter alguma coisa pra si e pra sua família. No entanto, a ideia de Fabiano de permanecer como dono do lugar logo se desfaz já que o real proprietário retorna com a passagem da estiagem e ao encontrar a família residindo em suas terras tem o primeiro impulso de expulsá-los de lá, momento em que Fabiano, a contragosto, mas sem alternativa, conforma-se com a sua sina de sempre ter trabalhado em terra alheia e assim continuar e propõe ao proprietário permanecer nas terras servindo-o como vaqueiro o que é aceito pelo senhor da terra.

Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se de desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceita-o, entrega-lhe as marcas de ferro.⁷

⁵ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas** Rio de Janeiro: Record 2013. p. 9.

⁶ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas** Rio de Janeiro: Record 2013. p. 11.

⁷ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 14.

Em seu pensamento Fabiano crê que o seu destino é correr aquelas terras, ser errante, que é na terra dos outros como um hospede que fica por muito tempo, se apega ao lugar, mas que hora ou outra acaba indo embora, não se permite alegrar-se demais por estar ali cultivando terra alheia, mas se orgulha de lá ter chegada em uma situação tão ruim e ter conseguido ficar, poder naquele momento estar mais tranquilo lidando com os animais e fumando seu cigarro de palha.

Fabiano até pensa em se declarar como homem em certos trechos, mas depois revê seu pensamento e se diz cabra:

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardas coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis e barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a murmurando: Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.⁸

O fato do personagem se afirmar como bicho é porque ele considera que homens não conseguem resistir aos percalços que ele passou que os homens são cheios de truques e ele é forte e simples como um cabra, duro e calejado das dificuldades daquela terra seca, além disso, acha que tem de se considerar desse modo pois é afastado dos homens brancos, não consegue falar bem com eles, se sente com uma linguagem limitada, sempre deslocado em meio aos outros homens, se entende melhor com os bichos, com eles consegue se sentir a vontade, já em relação aos homens os únicos com quem se sente a vontade para agir normalmente é com a própria família.

Das diversas críticas inseridas no livro uma das mais fortes além da própria seca, que não recebe medidas para que o sofrimento do sertanejo seja evitado, é, sem dúvida, ao domínio existente no interior nordestino do grande proprietário, que possui ou um grande lote ou mesmo diversas propriedades que não são essenciais para sua subsistência, sobre o sertanejo pobre, que a muita custa conquista um pequeno pedaço de terra que se vê obrigado a abandonar quando a seca se aproxima e passa a ter de servir a estes senhores prestando serviços rurais, ou seja, cuidando e cultivando a terra e os animais deles, a uma remuneração baixíssima, este é outro ponto crítico presente na obra.

⁸ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 14.

Fabiano também acha injusto o fato do patrão só ver a terra de vez em quando e ainda reclamar de tudo quando vem, por isso ele escuta as reclamações dizendo que fará tudo o que o senhor manda, mas no fundo jura nada fazer porque sabe que está tudo certo, no entanto, considera normal os modos do senhor de terras crendo que age assim para impor sua autoridade como se vê em:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?⁹

Durante a permanência na terra, sem o sofrimento da seca, a vida volta a caminhar com normalidade e a família se permite sonhar, almejar coisas, um dos sonhos repetidos no enredo do livro é o de Sinhá Vitória que sempre pede a Fabiano uma cama, esta cama pedida por ela é extremamente simples, mas melhor do que a que eles tem que é feita de paus, a mulher ressalta que quando chegaram naquela casa ela não se importava com a cama pois vivia tão cansada que os nós de pau não a incomodavam mas agora incomodam e ela sonha com uma cama igual a de Seu Tomás, um homem que conheciam antes de chegarem ali, a mulher de Fabiano pensa de forma que economizando eles consigam comprar a tão desejada cama, e Fabiano por vezes pensa que gostaria de fazer este agrado a esposa, porém quando recebe seu salário o pagamento vem errado, sempre um valor menor do que o acordado, sendo que uma vez Fabiano chega a questionar o proprietário das terras que o ameaça demitir, e Fabiano mesmo sabendo estar certo se desculpa e diz que se enganou pondo a culpa na esposa, no entanto, em seus pensamento ele sabe que Sinhá Vitória acertou, a esposa sempre faz as contas do gasto, Fabiano admira a mulher por suas habilidades com os números, habilidades estas que são muito superiores a dele, e tem a certeza que o senhor de terras lhe enganou sob a desculpa dos juros como se vê no trecho:

[...] notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou [...]. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. [...] O patrão zangou-se repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou.¹⁰

⁹ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 17.

¹⁰ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 73

Aqui também se vê uma crítica, fica claro que os juroos ao qual o senhor de terras se refere esta relacionado a juroos sob a cobrança do que seria a dívida que o sertanejo teria para com ele em relação ao que tem na casa que lhe é de propriedade, no entanto é mais uma marca da exploração visto que como empregado do senhor de terras Fabiano deveria apenas receber pelos seus serviços sem esse desconto dos tais juroos. Porém como precisa do emprego que lhe propicia a casa e da abrigo a sua família Fabiano não vê outra alternativa a não ser se aquietar e aceitar a injustiça.

Ao ir pra cidade comprar os suprimentos para casa e para as necessidades da família Fabiano resolve tomar uma dose de bebida na venda quando um soldado lhe chama para participar de uma partida de carteadado, já se sentindo tonto pela bebida com a qual não tem costume, Fabiano aceita o convite e acaba perdendo dinheiro na mesa de jogo, irritado e se achando roubado, ao mesmo tempo em que pensa no dinheiro que perdeu necessário para pagar uma das compras essenciais pedidas pela mulher o sertanejo se levanta pega as compras e se dirige a rua decidido a ir para casa, no entanto o soldado vai atrás de Fabiano questionando-o sobre a razão de ter saído da mesa sem despedir-se e provocando-o, o sertanejo então encorajado pela bebida ofende a mãe do soldado, sentindo-se afrontado o soldado bate em Fabiano e o prende, como se vê no trecho:

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu – Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lamina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremedou para as trevas do cárcere.¹¹

Na cadeia, parte amedrontado, parte revoltado, Fabiano amaldiçoa o momento que bebeu, que aceitou jogar com o soldado e que acabou por ofende-lo, pensa na mulher e na preocupação que ela deve estar sentindo por ele não ter ainda chegado em casa, e como ficarão ela e os filhos sem os produtos que ele iria levar. Durante toda sua estada na cadeia o sertanejo por vezes confere se o pacote dos produtos esta com ele e confere se não está faltando nada dentro dele, ao mesmo tempo em que os pensamentos na mulher e nos filhos é vista pelo sertanejo como pensamentos que lhe enfraquecem já que sente ódio do soldado que o humilhou e deseja vingar-se quando sóbrio, o pensamento na família também é visto por Fabiano como uma coisa que lhe enobrece, que o faz melhor e o controla de cometer desatinos, assim durante o período de cárcere o personagem oscila entre a raiva e o desejo de

¹¹ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 24.

revidar a humilhação e entre a família, mas por fim ele sempre volta a pensar nos filhos e na mulher e acaba adormecendo, tal oscilação pode ser vista no trecho:

O que lhe segurava era a família. [...] O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. [...] Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para a semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.¹²

Passado o episódio a família se prepara para uma festa de Natal na cidade, arrumados com suas melhores roupas e tentando se manter eretos a família se encaminha para a cidade, mas nos primeiros passos percebem que não conseguirão vencer a distância daquele jeito por isso tiram os sapatos e soltam um pouco as amarras da roupa e tornam a postura meio envergada para caminhar até lá. Nas proximidades da cidade voltam a se aprumar, a beira da água lavam os pés, voltam a calçar os sapatos, momento em que Fabiano tem problemas com as botas de couro que só entram em seus pés machucando-o. Então, eles voltam a ficar eretos e deixar a roupa arrumada e bem ajustada, como pensa ser adequado pra festa de Natal. Sinhá Vitória usa um sapato de salto no qual mal consegue se equilibrar e uma sombrinha, não vê real utilidade nessas vestimentas, mas deseja parecer-se com as mulheres da cidade, sentir-se bonita e adequada no meio delas. Durante toda a cerimônia, onde ficam separados os homens e as mulheres, Fabiano fica de olho na mulher, há muita gente na festa da cidade e Fabiano teme perder-se da mulher e dos filhos em meio a multidão.

Passado a cerimonia religiosa na Igreja a família se dirige para a Praça onde o evento acontece, Fabiano bebe e torna-se corajoso novamente esquecendo-se da prudência e desafiando em alto som o soldado amarelo que havia lhe prendido, mas o som da festa abafa seus gritos, durante todo o evento, e mesmo durante sua raiva, vez ou outra Fabiano se preocupa em localizar a mulher e os filhos na multidão com medo de perde-los, mas depois de seu rompante logo ele acaba adormecido na calçada deitado sobre as botas com Sinhá Vitória a seu lado e os meninos mais preocupados com a cadela Baleia que se misturava entre as pernas dos participantes da festividade.

Baleia é um personagem bastante importante em todo o livro já que é tratada como membro da família e caracterizada com emoções quase humanas, ela é grande amiga de cada um de um modo particular, no entanto ao contrair uma doença de pele que faz com que seus

¹² RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 28

pelos caíam e os bichos se acumularem sob o ferimento a cadela acaba morta pela espingarda de Fabiano que pensa assim proteger os filhos da doença que em sua cabeça poderia mudar o jeito da cadela e ainda poupar-lhe o sofrimento da morte por tal moléstia.

É importante observar que em muitas partes da obra os personagens mencionam um senhor que conhecia em sua antiga morada, nele Sinhá Vitória inspira o seu desejo na cama já que era a cama que este possuía, como já dito, e Fabiano também o vê como uma pessoa culta, que usava palavras rebuscadas, a seu ver, as quais ele tentava imitar quando se via em situações onde tivesse de se comunicar com pessoas de fora da família, a exemplo do episódio com o soldado amarelo, palavras estas que ele desconhecia o significado mas acreditava que mencioná-las traria respeito dos outros. No entanto, apesar de o sertanejo considerar tal homem refinado também o considerava fraco, incapaz de sobreviver ao rigor da seca.

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Porquê? Só era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: ‘seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros’. Pois viera a seca, o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado.¹³

Apesar de Fabiano valorizar o conhecimento de seu Tomás, também considerava o conhecimento perigoso para si, achava que naquela situação o saber desse tipo não lhe serviria, que apesar de as palavras rebuscadas de seu Tomás inspirarem respeito aos outros para Fabiano era perigoso, pois podia lhe por em problemas frente aos brancos, aos padrões, além disso, Fabiano achava melhor ser um bicho, uma pessoa resistente para que sobrevivesse as severidades da estiagem do que uma pessoa de vocabulário e leituras porque acreditava que isso não lhe serviria na hora da sobrevivência.

Esse pensamento quanto à necessidade de ser duro, de ser bicho, se vê presente inclusive na educação que Fabiano tenta direcionar aos filhos, durante a história há partes em que Fabiano fala da evolução dos filhos ao lidar com os bichos, a andar afastando o mato com as mãos igual a ele. O sertanejo também afasta as perguntas dos filhos, é duro com eles quando questionado, no pensamento de Fabiano tal agir é correto porque ele crê que não pode ser mole com os filhos, não os pode acostumar a serem questionadores porque isso não os ajudará diante dos patrões, porque se eles esmorecerem não serão capazes de sobreviver a seca e as dificuldades da estiagem onde só a dureza, a capacidade de lidar com a natureza e

¹³ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 16.

caminhar mesmo com dores e feridas faz com que a pessoa sobreviva, ainda Fabiano privilegia esses ensinamentos para que os filhos possam na necessidade conseguir colocações da mesma maneira que ele como vaqueiro, pois Fabiano não vislumbra naquele momento a vida fora do campo e sabe que a seca sempre volta em um ciclo constante que se repete desde que ele é criança, por isso crê que se repetira com os filhos e tenta prepara-los para tal situação, diz ainda com esperança que o dia em que a seca se for então ele poderá ser mais mole com os filhos e responder-lhes as perguntas, ser mais amoroso, mais carinhoso, porque então não haverá a necessidade de seus filhos serem duros, de serem fortes e bichos como ele para que consigam sobreviver.

Em toda a permanência da família na casa encontrada diversas vezes os personagens, inclusive Baleia é perseguida pelo medo de voltar a sentir o sofrimento da seca, os personagens contemplam o horizonte ou se encontram em alguma situação em que lembram como era no tempo em que estavam vivendo a caminhada durante a estiagem e se arrepiam de medo de que isso volte a acontecer, mesmo Fabiano ao olhar para a mulher e os filhos mais gordos, a mulher cuidando dos afazeres da casa e os meninos brincando no pátio, ele lembra-se como a mulher era antes no tempo de secura tão murcha e magra, o rosto cansado e o corpo sem forma e como agora está mais nova e com o corpo cheio de curvas e o pensamento de ver a família na mesma condição lhe traz arrepios, como em vários outros momentos dos personagens em que o fantasma da seca lhes assola eles sentem arrepios da lembrança e da possibilidade de que ela volte a se tornar uma realidade no presente, no entanto, logo esse pensamento da seca é afastando combatendo-o com a esperança de que ela demore a retornar ou quem sabe não retorne permitindo que eles permaneçam ali e tenham um andamento de vida normal, que a viagem pudesse ser evitada como pode ser visto no trecho “Tentou iludir-se, imaginou que ela não se realizaria se ele não a provocasse com ideias ruins.”¹⁴. No entanto, apesar dos esforços de afastar o pensamento a seca retorna.

2.3. RETIRADA

Em uma tarde Sinhá Vitória observa os pássaros que bebem a pouca água que ainda resta do bebedouro dos animais e fala com o marido que a seca esta retornando que as aves é que a trazem e que estas as quais a personagem chama de pragas irão acabar com a água que ainda resta no momento Fabiano não dá muita atenção, no entanto, em outro momento sentado na varanda o sertanejo observa o céu e vê o retorno da seca, olha pros pássaros

¹⁴ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 88.

bebendo a água e lembra-se do que a mulher lhe disse e por um instante pensa que são os pássaros que trazem a seca como ela havia dito, pega a arma e atira neles, derrubando vários, mas eles continuam a vir, então ele volta a realidade e sabe que os pássaros não trazem a seca mas demonstram o mesmo que o céu, que a estiagem esta retornando, ainda tenta se agarrar a esperança como pode se ver no trecho, “Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez chovesse”¹⁵, mas ele sabia que a realidade era outra, que a seca logo chegaria, então o sertanejo recolhe os pássaros que serão salgados e lhes servirão de comida por um bom tempo e conversa com a mulher sobre a viagem que já está claro não pode ser mais evitada, decidem então partir a noite e assim durante a família se põem a caminhar novamente deixando a casa que lhe serviu de abrigo para trás.

Fabiano decidi sair durante a noite para não precisar dar justificativas ao patrão que poderia lhe impedir de levar certas coisas necessárias a nova caminhada da família. Todos se abatem por um momento, vendo-se novamente na situação de retirantes, fugindo da seca, da sede e fome que vem com ela, porém logo voltam a ter esperança, Sinhá Vitória traça um plano o qual compartilha com o marido, iriam se instalar em uma pequena propriedade por algum tempo criar animais e ter uma vida de sertanejos como que vinham levando mas em uma terra pequena até que possam se dirigir para a cidade e assim não mais sofrer com a seca, ter água na torneira, Fabiano sente medo de ter de ir para a cidade, ele se considera um homem do sertão, que só sabe lidar com bichos, que só sabe fazer serviço de vaqueiro, o que sempre fez a sua vida toda, por nunca antes ter lidado com nada que não seja ligado a terra ele teme que não consiga se adaptar na cidade, mas decidi acreditar na mulher em quem confia, se enche de esperança de esta ser uma vida melhor para ele e a família e se convence dos argumentos da mulher e então começa também a fazer deste o seu sonho, pensa em conseguir uma colocação na cidade que lhe de o sustento e da mulher e de os filhos estudarem e aprenderem tudo que é necessário para o homem da cidade, muito diferente dele.

Fabiano também sonha em poder ter uma relação então finalmente diferente com os filhos, de poder responder as suas questões de poder falar com eles de modo diferente não mais assombrado com a seca e com a necessidade de passar aos pequenos a dureza necessária para sobreviver na vida do sertão e assim pensa que eles poderão ter uma vida melhor tanto ele, quanto a mulher, mas principalmente vê-se na esperança de que seus filhos consigam ter uma vida melhor do que dele e da esposa, uma vida em que não haja a necessidade de lidar

¹⁵ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 90.

com a seca, de temer a seca, de trabalhar pros outros sob a injustiça de mandos e remunerações pequenas, de não terem que se submeter a um soldado amarelo como ele teve, de conseguirem levar uma vida onde a seca não seja uma preocupação iminente, até de poderem construir suas vidas, almejem coisas como a cama que Sinhá Vitória tanto quis por tempos, pelo simples fato de que se fixando onde a seca não é uma realidade sempre prestes a chegar eles poderiam dar-se ao luxo de terem essas pequenas coisas, já que não terão de abandona-las pra trás por causa da seca, já que esse era um dos pensamentos que Fabiano tinha a respeito da cama que a mulher tanto queria, apesar de querer agrada-la, ele sabia que mais cedo ou mais tarde viria a seca e não poderiam carregar a cama cara nas costas pra onde fossem, e vê em um lugar onde está presença ameaçadora não existe a possibilidade de construir até esse pequeno patrimônio aos poucos.

Assim a família em sua retirada para o segundo enfrentamento da seca tem já um sonho diurno que não chega a ser muito diferente do que já era antes, a primeira necessidade deles nesse momento sem dúvida é a sobrevivência, é chegar em um lugar onde a seca não tenha chegado, o obstáculo continua sendo o mesmo, a seca é o obstáculo a ser superado mas o modo que se constrói agora o pensamento para supera-lo é diferente, muito mais elaborado e com outros sonhos secundários ligado a ele.

Há com certeza a prioridade da sobrevivência, mas há também o planejamento de como enfrentar definitivamente a seca, de estar em um lugar onde não haja essa ameaça, onde não se tenha essa preocupação, ou seja, a cidade, também há a presença do sonho quanto aos filhos, ao seu futuro, a eles conseguirem uma vida melhor, ai esta também um sonho diurno uma necessidade constatada dos filhos terem uma vida menos sofrida, a utopia de se conseguir isso fixando-se na cidade e afastando deles a preocupação constante com a seca, com a estiagem, e também de então na cidade os instalarem na escola para que aprendam o necessário para essa vida melhor, isso tudo voltado para um futuro que mesmo não sendo certo é planejado conforme observação da realidade e coisas possíveis de serem realizadas, tudo isso obviamente sustentado pela esperança, esse sentimento que continua a surgir no enredo em meio as mais diversas dificuldades, no caso a dificuldade da própria seca, também há o sonho retomado de Fabiano quanto a ter uma relação diferente com os filhos, sonho esse que vem a discussão durante a permanência mas que torna-se mais consciente e sobre a possibilidade de construção de utopia, ou seja, de construção de um planejamento nesse sentido somente depois que se retiram daquelas terras e baseado no planejamento de Sinhá Vitória.

Mesmo que Fabiano tenha medo de tomar essa decisão ele combate o medo convencendo-se de que faz o melhor em acreditar nos planos da mulher, ele enfrenta o medo com a esperança, assim como antes combatia o pensamento que a seca poderia voltar com a mesma esperança de que talvez ela não viesse. Há de se ressaltar que a situação trazida pelo livro de Graciliano é um retrato do sertão nordestino que continua atual, mesmo tendo havido diversas mudanças na situação daquelas pessoas elas ainda sofrem em ter de pautar suas vidas com base no ir e vir das estações de estiagem.

No entanto, há como se afirmar que hoje a esperança retratada no livro de Ramos vê-se muito mais próxima, o sonho diurno de não mais necessitar sair de suas terras, de encontrar um modo de lidar com a seca está muito mais próximo de tornar-se realidade do que há anos atrás, e com certeza do que na época em que a obra foi escrita.

O sonho diurno de Fabiano é um sonho compartilhado por diversas famílias do nordeste brasileiro, que por gerações o sustentaram com planos utópicos diversos, sempre renovados diante de diversas frustrações, mas que continuaram a ser frustrados por outros motivos. A solução que o sertanejo encontrou para superar a seca e realizar o sonho diurno de não mais sofrer com a estiagem foi sem dúvida alguma o de fazer o mesmo caminho retratado no final da obra “Vidas Secas” pelos seus personagens, ou seja, dirigir-se para a cidade e lá fixar-se, porém a cidade para os sertanejos também trouxeram outros obstáculos como o despreparo para os empregos muito diferentes dos desempenhados no campo.

Hoje existem modos de os sertanejos superarem a seca, como com a busca do aprendizado de tecnologias de cultivo com pouca água, captação e armazenamento nos tempos de chuva entre outros ensinamentos levados ao sertão por organizações comprometidas em combater o problema da seca e ajudar o sonho do futuro sem a fuga da seca tornar-se uma realidade.

2.4. DISCUTINDO OUTROS ASPECTOS DE VIDAS SECAS

Apesar de este não ser o cerne dessa obra, pois o objetivo desse trabalho está em estabelecer a relação entre os dois escritos e mostrar aos leitores os traços de esperança dentro de Vidas Secas, não podemos deixar de reconhecer, que tal romance não é composto somente desse traço, fazer isto seria cair no mesmo erro cometido por outros estudos. Portanto, não há só esperança em Vidas Secas, ao contrário, todos os estudos que apontam para as críticas políticas presentes, ou mesmo afirmam que todo o escrito reflete uma verdadeira tragédia humana não estão desamparados de razão, por esse motivo damos ao leitor aqui a perspectiva

de que apesar desse trabalho focar na esperança presente no romance, esta é de fato, uma esperança combatente, em oposição a realidade, o que pode parecer uma contradição, mas há de lembrar que muitas vezes em situações extremadas como a que é retratada por Graciliano existem somente duas escolhas, a de persistir, ou de desistir e se entregar a morte.

Os personagens do livro de Ramos optam pela esperança apesar de muitas vezes mostrarem sinais de esmorecerem e desejarem a entrega pra morte, o trecho inicial do livro quando o filho de Fabiano cai no caminho e quer lá permanecer por sentir-se estafado é uma demonstração desse aspecto, assim como as reclamações que os personagens tem, mostrando claramente que a presença da esperança não faz com que tudo seja encarado como agradável.

Sendo assim o que é necessário destacar dos outros aspectos do livro é sem dúvida sua crítica social e política e a tragédia humana retratada, há de se frisar que ambas se relacionam, e que também podem ser relacionadas a esperança, porque tais coisas são as dificuldades impostas no caminho dos personagens, as injustiças a que tem de se submeter e trazem angústias, medos e sentimentos de estagnação, de desistência, os quais se combatem com a esperança persistente apesar de haver uma passagem por esses sentimentos opostos. Para compreender as críticas políticas que foram tratadas por Ramos é necessário rememorar a história brasileira e principalmente a história da região nordeste.

Somos um país de colonização e a primeira região, dita como, descoberta pelos portugueses foi à região Nordeste do país, onde já de início estes iniciaram a exploração dos recursos naturais, inicialmente pelo corte da árvore nativa denominada Pau-Brasil, seguido pelo estabelecimento da cultura de cana-de-açúcar no sistema de *plantation*, que se concentrava mais no litoral, e também de outras culturas agrícolas, no mesmo sistema, como o fumo e o algodão, mais ao interior da região. Isto fez com que se operasse um grande desmatamento na área, além de desgastar o solo pela exploração ininterrupta.

Tal sistema de exploração formou uma estrutura de poder que influenciaram e continuam a influenciar, principalmente no interior dessa região, o tratamento despendido entre as pessoas e os jogos políticos existentes.

A história colonial formou o início de diferentes classes, fazendo a divisão entre os senhores de terra, os homens desprovidos de propriedades e aqueles usados como mão de obra escrava. O fim da exploração da mão de obra escrava, com a abolição, imediatamente formou um grupo de pessoas sem preparo para outros afazeres se não os do campo e sem recursos para se prover isto juntamente com os fluxos imigratórios em diferentes épocas, começando pelos holandeses e mais tarde principalmente nos meados das grandes guerras por

diversas pessoas de diferentes nacionalidades europeias, construíram a população nordestina e traçou as desigualdades sociais.

Com o passar dos anos o nordeste não era mais o destaque do Brasil como havia sido na época do açúcar visto que a atenção estava voltada para o eixo Rio-São Paulo, no entanto, ainda conservava seus grandes proprietários de terra que exerciam seu poder e influência.

O retrato contido em *Vidas Secas* em relação a Fabiano e o patrão, senhor de terra, é a expressão dessa desigualdade, pois como pode se ver no livro o possuidor das terras não tem preocupações a respeito de se manter na propriedade, não há dele a dependência que se vê em Fabiano.

Enquanto aqueles que não eram proprietários de terra continuaram lutando para sua sobrevivência, os que o eram tiveram poder econômico suficiente para educar seus filhos, prepara-los, sendo assim é evidente a diferença de conhecimento que possuíam esses diferentes homens pertencentes a classes diversas.

Quando Fabiano no livro expressa que o patrão gritava porque podia isto é o retrato do domínio exercido homem sobre homem, por aquele que tem maior poder econômico e conhecimento sobre o que tem menos. Da mesma maneira quando o patrão paga a Fabiano um valor a menos e diz que o motivo para tanto é a incidência de juros aí está a denúncia literária do autor sobre uma prática usual na época, não só no nordeste, que é a cobrança da moradia e bens consumidos, sempre mais caros do que a remuneração, gerando uma dívida infundável que consumia grande parte do que teria o trabalhador da terra a receber do patrão.

O governo na região, representado no livro pelo soldado amarelo, não diferia muito do patrão visto que esses homens usualmente pertenciam ao mesmo grupo social, já que a maioria das autoridades se compunha daqueles que eram ligados aos grandes latifundiários, já que estes pelo seu poder econômico durante diversas décadas formaram, e em parte ainda formam, as autoridades em geral.

Quanto ao fluxo migratório retratado no livro, sendo fundado na obra como impulsionado principalmente pela seca, mas também pela exploração existente entre aqueles que tinham mais poder sobre o sertanejo, há de se dar destaque para o fato de que os fluxos migratórios da região nordeste se iniciaram antes da composição do romance de Ramos, apesar de se acentuarem nos meados da década de 30 em diante. Os primeiros fluxos migratórios do nordeste foram principalmente impulsionados pela exploração da borracha na região norte, e depois já dentro do contexto histórico da obra pelo maior desenvolvimento principalmente do eixo Rio-São Paulo, ou seja, essa época marca o início do fluxo nordeste-sudeste, em razão do maior desenvolvimento econômico dessas regiões pelos tempos áureos

da cultura cafeeira, que começaria a entrar em declínio poucos anos depois da publicação de *Vidas Secas*. Provavelmente quando Ramos fez as denúncias sociais contidas em seu romance ele não vislumbrava a dimensão que a migração nordestina iria tomar nas décadas seguintes, chegando a ser chamado de êxodo nordestino.

Em diversos momentos históricos houve uma grande quantidade de nordestinos migrando da região para outros lugares do país, principalmente nos momentos em que estes encontravam-se em ascensão por alguma razão, a exemplo da década de 50 com a construção de Brasília, no entanto, as razões para tal movimento não está somente na seca, mas no pouco desenvolvimento industrial e econômico da região durante muitos anos.

Embora esse fluxo já tenha sido inclusive incentivado governamentalmente, com a mudança do cenário de uma vasta oferta de colocações e um grande crescimento econômico para uma baixa de ofertas e menor crescimento fizeram com que os eixos receptores encarassem tal movimento como um problema, iniciando finalmente a discussão a respeito de resoluções para a situação da seca e maior desenvolvimento econômico regional.

Há de se frisar que a questão climática é um fator que compõe as razões que levaram a essa movimentação e inclusive contribuíram com o seu aumento, visto que a severidade do semiárido nordestino vem sendo agravada pelo tratamento degradante dado a natureza desde o descobrimento, o que fez com que ao longo do tempo a característica típica desse clima, maiores períodos de seca com menores períodos de chuva, se asseverassem tornando os períodos de seca mais longa e os das chuvas encurtadas. O clima deve ser pensando como um sistema único, assim quando uma área é degradada outras partes do mesmo sistema irão sofrer as consequências. É curioso observar ainda que os anos de 1934 até 1936 marcaram um dos maiores períodos de seca sofridos pelo Brasil desde que há registros¹⁶, ou seja, período próximo em que o romance de Ramos foi escrito.

Apesar do grande período de tempo decorrido entre a publicação de *Vidas Secas* e o presente, todas as questões retratadas no livro continuam atuais, mesmo a exploração do homem pelo homem continua existindo, visto que a região nordeste ainda sofre em seu interior primordialmente, no entanto, menos que antes, com o chamado coronelismo, herança colonial ainda arraigada.

A questão da seca não poderia ser mais atual. O desrespeito com a natureza vem fazendo com que outras regiões também sofram com a mudança das chuvas e consequente

¹⁶ ANTUNES, Luiza. Os 10 maiores períodos de seca no Brasil. Super Interessante. 19 ago. 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/os-10-maiores-periodos-de-seca-no-brasil/>>. Acesso em: 2 de nov. 2014.

falta de água. A respeito da estiagem nordestina, essa continua a existir, e ser alvo de projetos de melhora ou de malfadadas tentativas de solução, sobre isso podemos lembrar do chamado PAC, programa do governo federal para transpor o Rio São Francisco intuindo levar água para o sertão do nordeste, obra que já foi iniciada mas que, apesar de já ter se ultrapassado o prazo fixado, não foi finalizada e levanta polêmicas em relação a sua efetividade.

Para dar uma perspectiva otimista à situação, hoje o nordeste conta com diversas organizações não governamentais que buscam ensinar os sertanejos a desenvolver modos de captar e economizar a água obtida durante os pequenos períodos de chuva para que, através de técnicas sustentáveis estas sejam suficientes para manter o plantio e suprir as outras necessidades durante a estiagem.

No entanto, a situação do sertanejo que vive em função do ciclo de seca, seu sofrimento, endurecimento, e movimento migratório continua sendo um fato além das páginas ficcionais, uma tragédia brasileira que destoa do comportamento do sertanejo em relação a sua terra, visto que, estando no nordeste ou não, o amor as tradições e a terra nordestina impera entre os provenientes de tal região.

O objetivo da maioria dos nordestinos, mesmo os migrantes, não está em deixar o nordeste, um equívoco de pensamento dos habitantes das regiões receptoras, mas em buscar meios de voltar ao nordeste em melhores condições. Há sem dúvida nisto, assim como no sertanejo que persiste em viver em função do ciclo da seca, uma esperança apesar das dificuldades, que pode ser encarada muitas vezes como uma falta de opção, o que muitas vezes o é, mas também é uma contradição de superação. O meio de combate as tragédias que estes possuem é a fé, a persistência, em suma a esperança.

3. INTERLIGANDO AS OBRAS

A relação entre as obras aqui estudadas esta na constante esperança dos sertanejos diante da seca, assim como explica Bloch em seu livro, em que diz que a esperança se opõe ao medo e a angustia, os personagens do livro de Graciliano afastam os medos e angustias da seca com a esperança, tentando pensar que as coisas melhorarão, fazendo planos.

A necessidade a se constatar na obra de Ramos não dá margem a dúvidas, o meio em que os personagens vivem é o sertão onde a seca é quase uma certeza, por isso a necessidade, o obstáculo que rodeia a vida dos personagens é principalmente a chegada da estiagem, a falta de água e a falta de comida que vem com ela, não há pra eles um modo de ultrapassar tal obstáculo permanecendo ali, por mais que eles queiram por isso eles tem de migrar. O desejo

principal dos personagens é permanecer onde se fixam, em ter uma vida normal e esquecerem-se das dificuldades enfrentadas e eles até conseguem isso no tempo que permanecem na casa, o que constitui o meio do livro, tanto que sentem uma certa felicidade e permitem-se sonhar com coisas menos essenciais mas que em uma vida onde não se vivesse na iminência da fuga pra sobreviver seriam desejos normais, isto pode ser visto no trecho a seguir sobre Sinhá Vitória:

Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda. [...] Tudo ali era estável, seguro. [...] iam vivendo na graça de Deus, o patrão confiava neles – e eram quase felizes. Só faltava uma cama.¹⁷

Aliás, o desejo de permanecer em sua terra encontra-se em todo o sertanejo, por isso diversas vezes vemos trechos onde os personagens tentam afastar o pensamento da seca, até se iludem pensando que talvez ela não chegue, eles sabem que ela chegará, mas o sonho diurno principal de todo o sertanejo é superar a seca, o planejamento sempre é permanecer em uma fazenda e ir aos poucos construindo suas vidas, sempre movidos pela esperança que a seca não chegue, podemos ver essa esperança incansável misturada com o medo e repetida no trecho:

Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho uma ave-maria [...] Só tinha medo da seca. [...] Ouviam-se distintamente os roncoss de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influiu nas idéias Sinhá Vitória. Fabiano roncava com segurança. Provavelmente não havia perigo, a seca devia estar longe.¹⁸

Mesmo quando a família ainda esta caminhando sobre a terra árida a pequena conquista de encontrar uma sombra, de conseguir permanecer vivo já é uma grande conquista e serve para anima-los, já que quando eles estavam caminhando na seca também havia um sonho e um objetivo muito simples, a necessidade era sobreviver, para isso precisavam caminhar sem esmorecer e encontrar o máximo de fonte de água possível, uma planejamento bem simples, sustentado por uma esperança quase incansável, tanto que quando Fabiano vislumbra uma sombra e lá avista o bebedouro, logo que bebe a agua insalubre se estira de barriga pra cima:

¹⁷ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 33-35.

¹⁸ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 31 -33.

[...] encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima.¹⁹

A esperança é um sentimento sempre presente no livro, o objetivo da família depois que consegue se firmar na casa e retomar uma vida normal é continuar ali, esse é o sonho diurno conseguir ter uma vida normal, fazem inclusive certos sacrifícios como o de Fabiano em se submeter aos desmandos do patrão em nome desse sonho diurno, dessa esperança de realiza-lo, a família deseja continuar ali e ter uma vida mais leve, com sonhos menos urgentes do que a simples sobrevivência, por isso sempre que o medo vem a mente, o medo da seca, eles tentam afastar o temor a angústia combatendo-a com a esperança, até usando de superstição para enganar-se dizendo a si mesmo que isso não vira a realidade, que a seca pode não retornar e livra-los desse sofrimento, desse medo, uma dessas superstições é o uso da reza, ou mesmo quando a seca retorna e os pássaros rondam o bebedouro e atribui-se aos pássaros a seca dizendo que eles a trazem como pode ser visto:

Havia um poder doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finir-se, até os espinhos secariam. [...] Miseráveis. As bichas excomungadas eram a causa da seca. Se pudesse matá-las, a seca se extinguiria.²⁰

O sonho de permanecer em um lugar e continuar uma vida normal, o sonho de não ter de passar novamente pela seca, retorna mesmo quando a seca chega e fica claro que é necessário voltar a migrar. Fabiano não quer deixar a casa, não quer abandonar o sonho e a utopia que sustentou em diversas passagens com esperança de que a seca não retornasse que não fosse obrigado a migrar, tanto que adia a viagem, tem a esperança até o final de que a situação se reverta, como pode ser visto em:

A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: ‘o chiqueiro e o curral, que precisavam de conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a água alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés deles esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo?’²¹

¹⁹ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 11.

²⁰ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 2013. p. 90.

²¹ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 94-95.

Fica claro no trecho acima que Fabiano deseja a vida normal, deseja realizar finalmente a construção que tinha feito desde o início de sua retratação que é a de fixar-se, permanecer em sua terra, levar uma vida onde a seca não retorna, onde pode lidar com os bichos e se preocupar com coisas simples como consertar as coisas, fazer amizade com os animais, ver a mulher cultivar curvas, os filhos crescerem, o sertanejo queria conservar sua vida e as poucas coisas que conseguiu conquistar, e realizar o sonho que pauta sua vida de superar a seca, no entanto novamente vê esse sonho frustrado e é obrigado a migrar, mas logo retomará a esperança, retoma o sonho imediato da sobrevivência, de abastecer-se do máximo de água possível e resistir para chegar a um novo lugar como se vê em:

Se achassem água ali por perto, beberiam muito, sairiam cheiros, arrastando os pés. Fabiano comunicou isto a Sinhá Vitória e indicou uma depressão do terreno. Era um bebedouro, não era? ²²

No entanto, havia também outros sonhos diurnos surgindo, novos planos, novas esperanças como se vê em: “O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projetos” ²³

Portanto, a família não esmorece diante da adversidade a esperança se renova os sonhos principais continuam sendo os mesmos, sobreviver, ultrapassar a seca, fixar-se, construir suas vidas, e da mesma forma que foi retratado por Bloch, em *Vidas Secas* Fabiano e sua família diante da frustração acabam por reestruturar os planos, as utopias, e permanecer com esperança de alcançar, de finalmente realizar o planejado, conquistar o almejado. Os planos sendo refeitos, novos sonhos surgindo ligados aos primeiros sobre um novo planejamento vão se desenhando, Fabiano e sua esposa vão refletindo seus desejos direcionados ao futuro, o novo, o desconhecido está presente como deve estar na utopia de Bloch. Assim como na teoria do filósofo o sertanejo e sua esposa observam o presente fático, consideram as possibilidades e apontam o que almejam para um futuro que não está longe, que é iminente, são as próximas providências que irão tomar os próximos passos de suas vidas assim que alcançarem um lugar ainda não atingido pela estiagem, e finalmente tem um plano para não precisar lidar novamente com ela, para que seus filhos não tenham o mesmo destino que eles como é visto no trecho:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os

²² RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 100.

²³ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 100.

meninos frequentariam escolas, seriam diferente deles. Sinhá Vitória esquentava-se. Fabiano ria [...].²⁴

Como diversas vezes é ressaltado por Bloch vemos em toda a trajetória da família, cercada de adversidades dos mais diversos tipos, sendo a imediata e principal a seca e as acessórias os problemas políticos como os desmandos das autoridades, a exploração do sertanejo pelo latifundiário, a ignorância e a falta de estudo, o trato bruto da família e dos filhos na crença de que se deve prepara-los para lidar com o cenário duro, apesar disso, do cenário sempre adverso, que mesmo quando há chuva o medo de perdas estão presentes, demonstram o que Bloch afirma, o surgimento de sonhos como modo de enfrentar o medo, o surgimento do Princípio na adversidade. Na carência é que surgem os sonhos diurnos. O primeiro passo da construção do Princípio, e o cenário retratado na obra literária é o extremo da presença da angustia, da adversidade, da carência, onde os sonhos, a utopia e a esperança juntos fazem com que a família se mantenha, faz com que todos eles continuem a sobreviver a projetar suas expectativas para o futuro.

No final da obra Graciliano ressalta o que seria uma forte onda de migração, no entanto, mesmo com uma conclusão triste há no último pensamento de Fabiano esperança em uma vida melhor como é visto:

Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros [...].²⁵

Assim, novamente vemos outra parte da dinâmica do Princípio na obra, até o fim do relato a família continua tendo sonhos, planos e o alimentando com esperança, sem dúvida o Princípio Esperança é a força motriz dos personagens durante toda a trajetória retratada e em cada momento podemos ver um elemento do que constitui o Princípio aparecendo, tanto na oposição ao medo, quanto o sonho reiterado de permanecer com a vida normal, de ter mais coisas, essas que nunca tiveram a exemplo da cama, de sobreviver e renovação desses sonhos e planos projetados pro futuro trazendo o novo, este desconhecido mas visto com base no concreto.

²⁴ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2012. p. 101

²⁵ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013. p. 102

Apesar de toda a obra conter o Princípio Esperança, desde a simples sobrevivência do tempo da caminhada e do primeiro enfrentamento da seca onde o sonho é sobrevivência e água simplesmente, e o plano caminhar até encontrar com muita esperança e fé em realizar tal objetivo, passando pelo desejo singelo de Sinhá Vitória de ter uma cama melhor, já que sente agora os nós lhe doerem às costas, visto que antes, ocupada pelo cansaço diário da recente necessidade deixada pra trás da sobrevivência urgente começa a se suavizar e, portanto da margem a outras sensações, preocupações e desenhos como este sonho que deseja realizar juntando economias e cortando alguns outros gastos, dentre outros sonhos presentes na obra, deve-se dar especial destaque aos sonhos diurnos e utopias do final do livro pela sua representação simbólica de extrema importância.

O último trecho tem essa importância pelo fato de demonstrar a vitória da esperança mesmo após o fracasso dos planos por tanto tempo cultivados, planejados e cumpridos, porque quando finalmente Fabiano e sua família se veem perto de chegar ao êxito de alcançar a superação da seca pelo tempo que permanecem na casa há a frustração pela vinda da seca que retornou. Porém, mesmo assim eles voltam a sonhar e planejar, de forma muito mais elaborada, com um novo plano pra superar o mesmo problema, há aí um significado singelo, de que o homem sempre tem esperança, de que os sonhos, os planos e a esperança sempre existirão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura e análise de ambas as obras que foram o objeto de estudo deste trabalho, além de refletir e estudar a sua interligação já exposta, o que podemos considerar é que a gama de aplicação do que foi tratado por Bloch é imensa, pois os três pontos que se relacionam de forma dialética, sonhos diurnos, utopia e esperança stricto sensu, que compõe o Princípio Esperança, podendo também ser chamado somente de Princípio aqui ou Esperança lato sensu, retratam um exercício de vida do ser humano.

No dia-a-dia de todas as pessoas, sejam elas quem forem, estando na situação de vida em que estiverem, sempre haverá obstáculos a serem superados. É também natural da natureza humana temer, angustiar-se, e diante destas duas afirmações sempre estaremos demandando sonhos e esperança.

Mas se a demanda esta nesses dois pontos poderia questionar onde se encaixaria a utopia, pois bem, a utopia é o miolo desta demanda, é a maneira que planejamos a realização do que sonhamos, e também é a maneira que nos auto estimulamos a continuar tendo esperança mesmo quando há dificuldades.

O Princípio Esperança é a expressão do que sempre moveu e sempre moverá o ser humano, o desejo de solucionar problemas, o desejo de alcançar melhorias, de ter um mundo melhor ou uma vida melhor, ou até um momento melhor, uma vista para o presente planejando o futuro iminente.

Tal conclusão não significa dizer que toda a vida do ser humano é composta somente por esperança, ao contrário, a demanda da esperança aparece exatamente nas situações mais desafiadoras e desagradáveis que uma pessoa pode vivenciar, não há ainda como dizer que a esperança sempre é a escolha de todos, ao contrário, muitos acabam por dar vazão ao medo e a angústia, mas a esperança é a forma de combate a esses sentimentos que degradam o ser humano, que o levam para a estagnação, ela é o contrário destes, é a força de movimento da vida, sendo inclusive às vezes necessário a vivencia de tais sentimentos desagradáveis para que a esperança ganhe espaço e seja o símbolo da retomada.

Assim, olhando ao nosso redor e buscando ver a aplicação concreta da teoria de Bloch há como constatar que como já dito o que foi elaborado por Bloch tem aplicação em praticamente tudo, não só na obra *Vidas Secas*, mas na realidade fática que ela retrata e não só nisso, mas também nas invenções que fazem da nossa vida hoje o que ela é, do telefone ao computador tudo foi inspirado por uma observação, uma dificuldade a ser superada, uma carência a qual sonhamos suprir pra que as coisas melhorem mesmo as inspirações de

sistemas políticos, os grandes golpes, as pequenas e grandes revoluções, os movimentos sociais, as organizações montadas por diversas pessoas ao redor do mundo com as mais diversas finalidades, tudo isso foi feito e continua sendo feito a partir da constatação de uma necessidade a que se pretende solucionar tendo em vista mudar as coisas do modo como elas se encontram para uma realidade muito melhor através de um plano, planejamentos esses todos que foram e são sustentados por esperança mesmo nos momentos de decepção e falhas e que finalmente se realizou ou poderá se realizar trazendo a nós melhorias do que um dia foi somente um sonho, uma ideia, um plano somados a uma grande dose de esperança. Da mesma maneira que há diversas aplicações para a obra de Bloch também há na obra de Graciliano diversas nuances.

Há como enxergar em *Vidas Secas* somente as críticas e o cenário trágico, falar em vez de esperança das questões relacionadas a sina não solucionada do sertanejo que acaba obrigado a migrar para fugir da estiagem e da morte, pode-se também falar da falta de providencias governamentais acerca dessa situação, do abuso que ocorrem muitas vezes por parte das autoridades presentes nas pequenas cidades próximas das fazendas sertanejas, há também como focar na grande diferença entre as possibilidades dos grandes latifundiários ou até do proprietário de varias pequenas porções de terra em relação ao sertanejo que por vezes não tem terra, ou é obrigado a abandona-la e quando a tem é uma pequena porção onde se cultiva com a finalidade de subsistência familiar, poderia o foco ser voltado para a exploração do primeiro em cima do segundo, sobre o problema da distribuição de terras as possíveis soluções e providenciar necessárias para extirpar o problema.

Haveria ainda como relacionar a obra com a realidade fática que ela pretende denunciar, ainda criticar a pouca estrutura educacional e a falta de oferta de perspectivas melhores para as pessoas nessa situação, e por fim, ainda usa-la para falar das razões da migração do sertanejo para a cidade. Haveria também como fazer uma longa e vasta exposição das condições que os sertanejos migrantes encontram na cidade, um tema que pode ser encontrado não só em trabalhos acadêmicos como também em livros, poesias e até em músicas e do que poderia ser feito para solucionar os motivos que levam as pessoas a tomar a decisão de migrar para as cidades mesmo que depois que os primeiros já haviam demonstrado a aqueles que pretendiam seguir o mesmo caminho que não seria fácil manter-se na cidade por não terem essas pessoas a preparação necessária para os serviços que são demandados nos grandes meios urbanos, já que a maioria dos migrantes possuem experiências totalmente voltadas a terra, experiências essas que não se encaixam nas necessidades de toda e qualquer aglomeração urbana.

Esses são algumas das questões que poderiam ser exploradas quando se fala desta obra de Graciliano, no entanto, apesar de brevemente exploradas nessa monografia não são seu foco principal visto que a maioria dessas questões já foi exaustivamente pesquisada e estudada resultando em grande quantidade de artigos científicos sobre o tema, e o que se procura nesse trabalho é a dar destaque a um aspecto pouco observado, assim, apesar de não se negar a presença de todas essas temáticas na obra, e com isso inclusive salientar a riqueza de abordagem do autor, todas essas visões sobre o escrito são críticas e trágicas, indo de encontro à fama do próprio autor de trazer em suas obras sempre um viés crítico, principalmente críticas políticas.

No entanto, se só puséssemos o nosso foco nessas questões e até na fama de Graciliano deixaríamos de focar no que é o objetivo desse estudo fazendo passar novamente despercebido, como tantos outros trabalhos, o comentário real de que apesar do autor de fato trazer sempre uma visão crítica e até pessimista em sua obra, *Vidas Secas* é diferente dos outros escritos de Ramos, porque é a única que traz, mesmo também havendo a presença da crítica e da retratação de inúmeras dificuldades a indicação da esperança. Há na obra *Vidas Secas* uma esperança latente que por muito tempo pediu para ser vista e relatada, mas que até hoje passou despercebida diante dos olhos de diversos estudiosos, até bastante aprofundados e especializados no autor e na obra referida.

O relato desse traço de esperança presente em *Vidas Secas* é sem dúvida a verdadeira missão de relacioná-la com *O Princípio Esperança*, porque como já dito a segunda pode ser aplicada em muitas situações por ser o melhor relato e esquematização da construção do sentimento da Esperança na vida humana, assim afirmar que a obra de Graciliano também abarca em seus traços o que Bloch explicou é bastante simples, a dificuldade está em demonstrar os pontos do Princípio dentro do enredo que retrata a saga de Fabiano e sua família o que foi detalhadamente feito no capítulo de encerramento do desenvolvimento desse estudo, no entanto, ainda podemos em síntese fazer um resumo de considerações para que não haja mais o encobrimento desse traço tão importante e tantas vezes ignorado em *Vidas Secas*.

O Princípio Esperança está em toda a obra de Graciliano, mas podemos distinguir alguns sonhos diurnos e planejamentos como principais e acessórios. A primeira necessidade presente no começo e no final da obra é a sobrevivência, a carência de água e suprimentos, de abrigo, e o sonho é encontrar um lugar para se fixar onde a seca não esteja presente, isto vem a consciência toda a vez que a necessidade, o sentimento de fome, de sede, a fraqueza é sentida no corpo, o planejamento para superar essa dificuldade é também simples, continuar caminhando até encontrar melhores condições, no início do livro esse planejamento não é

muito elaborado, ele é simplificado, já no final do livro há uma consciência-ciência maior, uma experiência maior, e também um planejamento mais elaborado com outros sonhos interligados.

Quando Fabiano e sua família alcançam a fazenda abandonada a primeira carência que os moveram até ali vai se esvaindo e dando ensejo a novas carências, a de cultivar uma fonte de alimento, a de ter um abrigo, estas são as necessidades imediatas naquele momento, por isso Fabiano acaba por se instalar na fazenda, no entanto com o fim da seca chega o dono da fazenda e o segundo sonho se esvai, ou seja, o sonho de ser dono daquele pedaço de chão e cultivar sua fonte de alimento e ter o abrigo, e ainda é ameaçado pela possibilidade de expulsão, este é o primeiro momento de decepção dentro dos sonhos e utopias até lá construídos, então Fabiano remodela seus planos pela necessidade e aceita o serviço de vaqueiro.

Com a vida após a fixação na casa se tornando mais normal as necessidades primeiras de sobrevivência que eram tão fortes durante a caminhada no chão árido se suavizam dando lugar a por exemplo o desejo de Sinhá Vitória de ter uma cama mais confortável, este também é um sonho diurno pois nasce de uma necessidade de status e também de conforto, uma necessidade que inicialmente ela não sabia ter porque tinha preocupações mais urgentes e que agora se afluem.

Para realizar o sonho da cama Sinhá Vitória elabora seu plano, sua utopia é a economia em certas coisas necessárias para ter o dinheiro suficiente para alcançar o que objetiva e durante toda a permanência na fazenda ela alimenta esse planejamento com a esperança de que isso se realize, tanto esse sonho como todos os sonhos desse período são condicionados por uma condição fundamental, um temor sempre afastado e combatido com a esperança. O temor é da seca e a esperança é de que ela não chegue.

Mesmo quando os primeiros sinais da estiagem retornam os sertanejos ainda nutrem esperança de não precisar abandonar a vida almejada, onde podem lidar com a terra e se preocupar com outros sonhos que não a urgência da sobrevivência, esse sonho é tão constante que eles adiam a frustração tentando nutrir esperança de que as coisas podem mudar, inclusive se utilizando de superstições para continuar a sustentar a esperança, como rezar e matar os pássaros que bebem a água que se finda no bebedouro dos animais. Mas a observação da realidade não mente aos personagens, a seca retorna e essa realidade fática os obriga a novamente remodelar os sonhos e ajustar-se as novas carências.

Quando saem então da fazenda estão abatidos, este é o sinal da decepção da frustração do sonho, mas novamente isso é combatido com a esperança e com o surgimento de novos sonhos diurnos remodelados sob outra utopia mais elaborada.

A necessidade primordial de sobreviver e encontrar água continua presente, aqui há sim o plano de caminhar até longe da seca como no início, mas há mais clareza do que fazer.

A utopia que se encontra no final da obra é muito mais elaborada do que a primeira, o planejamento feito pelos personagens é muito mais claro, o que objetivam é uma pequena fazenda onde poderão criar seus animais e sua plantação até que tenham condição de novamente migrar e então ir para a cidade. Elaboram sonhos ligados a esse planejamento de se instalar na cidade, mas ligado principalmente ao primeiro sonho diurno que sempre esteve presente, a superação da seca.

O sonho de ter os filhos na escola livres da sina sertaneja de fugir da seca também é um modo de superação da necessidade primeira de encontrar uma solução para o obstáculo principal da vida de todos eles que é a estiagem.

O casal vivendo junto até ficarem velhos também tem o mesmo significado visto que em uma vida em que sobreviver é necessidade sempre iminente ou perto da iminência não há como se esperar que a vida seja muito longa, e o plano do casal envelhecer junto já se encontra em um cenário em que essa necessidade de sobrevivência não se vê mais como uma coisa tão presente.

Todos os sonhos expostos acima são sonhos surgidos da necessidade de abandonar o que havia até agora e pensar vendo a realidade em um novo futuro, agora eles sabem que há mais coisas possíveis do que no início, tem mais consciência das necessidades e da realidade do presente do que antes e planejam de forma mais completa e pormenorizada e novamente sustentam isso com esperança, a esperança da realização de um futuro melhor, a projeção dos sonhos nesse futuro almejado.

O final do livro é um dos momentos em que o novo que é muitas vezes repetido por Bloch se faz mais presentes, é no final da obra quando Fabiano e sua família resolvem mudar-se então para a cidade que há a maior quantidade de incertezas, e uma projeção para um novo completo e totalmente diferente do que eles estavam acostumados a viver.

Essa renovação trazida pela ultima parte do livro também pode ser vista no medo, todo o novo traz alguns medos que são superados pela esperança, pela crença firme e concreta de que tudo dará certo, de que o planejamento feito será suficiente para garantir o sucesso e consequente realização dos sonhos, e o sertanejo tem muitos medos, ele está prestes a aderir a um sonho e se por em uma situação em que terá de lidar com os brancos os quais ele sabe não

se dar e também com um trabalho ao qual ele não está acostumado por não ser ligado a terra, no entanto nutre-se de esperança de uma vida melhor, esperança na realização bem sucedida.

Em suma, há diversas conclusões a serem extraídas desse estudo, a primeira diz respeito à existência afirmada da relação entre as duas obras, há, inegavelmente, esperança presente na obra *Vidas Secas*, apesar de não ser este o seu único aspecto, e sem dúvida ela não está marcada em todos os momentos, demonstrando assim a oscilação entre momentos de medo, angústia e retomada que faz parte do próprio enredo relatado. Ainda, há de se concluir que não é necessário que a situação retratada seja a melhor possível, ou a mais tranquila, para que se constate a esperança como teorizada por Bloch, pois sua presença está principalmente nos momentos trágicos onde ela é forma de combate a aquilo que estagna a vida, há de se deixar claro, a esperança presente não significa ausência de problemas, de tragédias, ao contrário, não há como negar que *Vidas Secas* é um romance que retrata uma situação trágica, que começa e termina falando de uma verdadeira tragédia social que é real e não só fictícia, no entanto, nessa contradição própria da realidade, mesmo no nada, no pouco, na situação mais difícil ainda há uma decisão de continuar, de persistir, de lutar e sonhar pra obter uma coisa melhor, essa atitude não é uma negação do que se apresenta, um escape, mas é também uma total falta de opção em um agir diverso, pois em situações extremas as escolhas se resumem em desistir da vida e deixar-se morrer ou persistir, sonhar e continuar a ter esperança.

Há sem dúvida muitos problemas apresentados na obra de Graciliano que ainda são realidade brasileira e que necessitam serem resolvidos como muitos outros que temos em nossa nação, e obviamente eles não serão solucionados com o mero sonhar, é necessário atitudes, no entanto, conformar-se com a realidade como se ela fosse imutável é um modo totalmente ineficaz de atacar o problema, assim, até pra isso é necessário a esperança Blochiana, que planeja, busca o melhor, e há de se destacar, de forma imprescindível, é voltada para a realização, ou seja, faz, não apenas sonha, é dessa esperança que precisamos, e é essa que aqui discutimos.

Por fim, a Esperança nos move como pessoas, os sonhos são necessários para que continuemos a projetar nossas vidas para o futuro, a utopia dos nossos planejamentos é um exercício diário. Assim, como Fabiano faz no final do livro, ele teme o desconhecido, sabe que faz planejamento baseado no real, mas para um futuro novo e o novo o assusta, mas logo ele muda seu comportamento estimulado pelo sentimento de esperança de melhora de coisas boas a virem, praticamente sua única escolha.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Luiza. Os 10 maiores períodos de seca no Brasil. **Super Interessante**. 19 ago. 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/os-10-maiores-periodos-de-seca-no-brasil/>>. Acesso em: 2 de nov. 2014.

BARRETO, Cecília. Subjetividade da Linguagem em Vidas Secas: Discurso Popular e Identidade. In: _____. **Discursos e Identidade Cultural**, p. 583-592.

BIOGRAFIAS: ERNST BLOCH. Uol Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/klick/0,5387,169-biografia-9,00.jhtm>>. Acesso em: 9 de jul. 2014.

BLOCH, Ernest. **O princípio da esperança**. V1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

BLOCH, Ernest. **O princípio da esperança**. V2 Trad. Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

BLOCH, Ernest. **O princípio da esperança**. V3. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ 2006.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Trad. Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. Metalinguagem e Concepção da Literatura. In: **Literatura em Campo Minado – A Metalinguagem em Graciliano Ramos e a Tradição Literária Brasileira**. São Paulo, Annablume/Fapesp, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

CARNEIRO, A. **O Possível e a Esperança**. Disponível em: < <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13025/2/2473TM01PALEXANDRACARNEIRO000069233.pdf> >. Acesso em: 21 de set. de 2014.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Coletânea Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1977, p. 25-33.

CASTRO, Dácio Antônio de. **Roteiro de leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 2001.

COSTA, Maria de Fátima. **A Utopia na Perspectiva de Ernst Bloch**. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/526.%20%20a%20utopia%20na%20perspectiva%20de%20ernst%20bloch.pdf>. Acesso em: 21 de set. de 2014.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar**. Brasília: Ed. Brasília/MEC, 1975.

ERNST BLOCH: A ESPERANÇA ATEIA CONTRA A MORTE. Vol. 2. Revista Filosófica de Coimbra. Portugal, Coimbra, 1993. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ernst_bloch>. Acesso em: 9 de jul. 2014.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Disponível em: <www.ecobiotica.com.br/arquivos/FREUD-A-interpreta%C3%A7%C3%A3o-dos-sonhos-I.pdf>. Acesso em: 9 de jul. 2014.

ITURBE, A. G. **A Bibliotecária de Auschwitz**. Tradução de Dênia Sad. E-BOOK. Rio de Janeiro: Agir, 2014, p. 87 e 253.

LINS, Álvaro. **Valores e Misérias das Vidas Secas**. 71^a edição. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 128-155.

MALLARD, Letícia. **Ensaio de Literatura Brasileira: Ideologia e Realidade em Graciliano Ramos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

MOURÃO, Rui. Vidas Secas. In: _____. **Estruturas, Ensaio sobre o Romance de Graciliano Ramos**. Belo Horizonte: Tendência, 1969, p. 117-32.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record 2013

VIEIRA, Antônio. **Princípio Esperança e a Herança Intacta do Marxismo em Ernst Bloch**. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf>. Acesso em: 9 de jul. 2014.